

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SIAMO DONNE – DIVAS DO CINEMA ITALIANO
17 e 24 de Novembro de 2021

CODICE PRIVATO / 1988

Um filme de Francesco Maselli

Realização e Argumento: Francesco Maselli / Direcção de Fotografia: Luigi Kuveiller / Direcção Artística: Marco Dentici / Música: Giovanna Marini / Som: Marco Streccioni / Montagem: Alessandra Perpignani / Interpretação: Ornella Muti (Anna).

Produção: Filmauro - RAI / Cópia: 35mm, colorida, falada em italiano com legendagem em português / Duração: 90 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Entre os muitos segredos ainda apenas parcialmente revelados do cinema italiano conta-se Francesco Maselli, um realizador nascido em 1930 (e ainda vivo, com último filme estreado em 2009) e em actividade desde uma juventude muito tenra, no final dos anos 40, quando foi assistente de Michelangelo Antonioni e Luchino Visconti. O seu “sketch” de **L'Amore in Città**, que realizou com vinte e três, será – sobretudo pela companhia – o seu filme mais conhecido dos espectadores da Cinemateca, mas um dia destes haverá que voltar, entre outros, a **Gli Sbandati**, a sua formidável longa-metragem de estreia (em 1955), sem esquecer que, muito recentemente (na Carta Branca a Jorge Silva Melo, ciclo interrompido pela pandemia e que retomaremos oportunamente), mostrámos aqui um dos filmes de Maselli nos anos 70 (**Il Sospetto**), que terá sido uma revelação para muita gente.

Codice Privato, realizado no final dos anos 80, será por certo um dos seus filmes mais estranhos e singulares. Parece, aliás, um filme um pouco à frente do seu tempo: é um filme para uma actriz e um computador, numa altura em que os computadores, e as questões que eles levantam, ainda não eram assunto muito explorado pelo cinema. Usámos o adjectivo “singular” mais acima neste parágrafo, e de facto é uma palavra que tem ainda outra propriedade quando aplicada a este filme, pois trata-se de um filme para uma só actriz, Ornella Muti, que aliás recebeu vários prémios do cinema italiano pela sua prestação em **Codice Privato**. Não entra mais ninguém em campo, e não se ouve mais nenhuma voz (apesar dos telefonemas) que não a dela. O filme traz em epígrafe uma dedicatória a Jean Cocteau e é óbvio porquê, já que sem ser uma “adaptação” (como tantas se fizeram, e ainda há pouco tempo Pedro Almodóvar engrossou essa lista) da *Voix Humaine*, **Codice Privato** é, evidentemente, uma variação sobre o seu modelo e as suas preocupações.

Também aqui encontramos, portanto, uma mulher sozinha em casa, depois do fim de uma relação. O ex-namorado ou ex-marido (vimos o filme sem tradução, alguns pormenores eventualmente elucidados pelo diálogo ter-nos-ão muito provavelmente escapado) foi de viagem e ela está ali, basicamente, para arrumar as suas coisas e abandonar o apartamento. Mas alguma coisa no fim da relação a intriga, assim como na personalidade do ex-amante, e ela dedica uma porção do tempo a tentar resolver isso. O seu coadjuvante é um computador, o computador pessoal usado pelo marido; e, depois de conseguir, detectivescamente, descobrir a “password” (o “codice privato”) acede à máquina e ao seu conteúdo, e põe-se a ler cartas e mensagens do parceiro.

Há uma espécie de comentário sobre a “modernidade” (que, nesse aspecto, o final dos anos 80 já era) e sobre a forma como as “próteses” tecnológicas substituíram os métodos tradicionais de comunicação e registo de memória (tudo o que está no computador tem, naturalmente, uma data e uma hora assinaladas), mas a “aventura” do filme – ainda “detectivescamente”, de algum modo – está no mergulho de Muti no património confessional do parceiro. É como um “puzzle” cujas peças vão sendo descobertas e postas num lugar, de forma a completar um desenho, restando perceber cabalmente se esse desenho é o *desenho certo* ou apenas um dos muitos desenhos possíveis, não necessariamente mais verdadeiro do que os outros. Muti lê em voz alta, monologa, telefona, movimenta-se pelo apartamento – e isso, como quase todas as adaptações de *A Voz Humana*, gera algo que fica próximo de um documentário sobre uma actriz, no espaço e no trabalho. Num ciclo sobre “divas do cinema italiano” este é provavelmente o filme certo para se evocar Ornella Muti: é ela e mais ninguém, e quase mais nada.

Luís Miguel Oliveira